

LUDOTERAPIA NO AMBIENTE HOSPITALAR – SUBSÍDIOS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Ketsia Bezerra Medeiros¹

Arélli Pâmella Brasileiro Chaves²

Lizandra de Farias Rodrigues Queiroz³

Mariana de Almeida Abreu⁴

Mariana Carvalho da Costa⁵

RESUMO

Quando uma doença requer internação hospitalar, além da preocupação advinda da enfermidade, o processo de hospitalização pode representar também um evento amedrontador, uma vez que o hospital é um local indesejado para a maioria dos indivíduos, especialmente crianças. O presente trabalho objetiva abordar a importância da ludoterapia no contexto hospitalar sob a óptica da enfermagem. A pesquisa revisou extensamente a literatura pertinente por meio de livros, artigos científicos, *sites* e outras fontes relevantes sobre o tema. A partir da ludoterapia, a criança projeta-se, e revela, inclusive de forma não verbal, as situações que a afligem, seus sentimentos e possíveis problemas. Deste modo, a aceitação dos procedimentos hospitalares é facilitada, o que viabiliza a assistência e cuidados dirigidos ao público infantil.

Palavras-chave: Ludoterapia. Criança. Hospitalização. Enfermagem.

PLAY THERAPY IN HOSPITAL – SUBSIDIES FOR NURSING CARE

ABSTRACT

When a disease requires hospital admission, besides the worries that comes with the disease, the hospitalization process can also represent a fearful event, once the hospital is an undesired place for most people, specially for children. This paper aims to address the importance of play therapy in hospitals from the perspective of nursing. This research widely reviewed the relevant literature through books, scientific articles, web sites and any other relevant source. It is concluded that from play therapy, the child projects, and reveals, especially nonverbally, situations that afflict their feelings and problems. Thus, the acceptance of hospital procedures is provide, which enables the care and assistance directed at children.

Keywords: Play therapy. Child. Hospitalization. Nursing.

1 Professora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail: kbmedeiros@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9507668974396478>.

2 Enfermeira, Especialista em Saúde Coletiva. E-mail: arelli_med@hotmail.com. Endereço para acessar este CV <http://lattes.cnpq.br/2923981030777581>.

3 Enfermeira, Mestre em Recursos Naturais. E-mail: lizandradfarias@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4642286761022637>.

4 Enfermeira, Especialista em Saúde Coletiva. E-mail: marianaabreu@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4129312209915576>.

5 Psicóloga hospitalar, Mestre em Psicologia. E-mail: marianac_costa@hotmail.com. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7043361486069931>

1 INTRODUÇÃO

A internação hospitalar é algo que altera o cotidiano de qualquer paciente, assim como das pessoas que o cercam – familiares e amigos. O paciente pediátrico torna-se especialmente vulnerável e muitas vezes amedrontado, por estar em um ambiente estranho e não familiar ao seu cotidiano. Neste contexto, as atividades psicomotoras e as funções afetivas e cognitivas da criança podem ficar debilitadas e o corpo sofrer as consequências destas alterações, o que interferirá na evolução da doença. Diante desta realidade, é cada vez maior a preocupação com as consequências que a doença e a internação podem causar, visto que o hospital com frequência é um local indesejado para maioria das crianças.

Por ser uma experiência estressante, a hospitalização envolve necessária e profunda adaptação por parte da criança às diversas mudanças em sua realidade. De acordo com Furtado; Lima (1999), tal experiência pode ser amenizada pelo fortalecimento de algumas condições, tais como: apoio familiar, adequado tratamento pelos profissionais de saúde, informações e esclarecimentos diante de demandas do paciente e atividades recreacionais. Estes aspectos estão articulados às possíveis reações da criança à doença e à internação, reações estas que estão diretamente relacionadas ao grau de desenvolvimento psíquico do paciente quando da internação e às atitudes de apoio dos familiares e da equipe de saúde, além do tipo de doença que a acomete (BALDINI; KREBS, 1999).

Antes de aprofundar os comentários acerca da importância da ludoterapia como recurso terapêutico, cabe salientar que a brincadeira é uma forma de estimulação bastante eficaz para proporcionar uma infância saudável, já que é através dela que a criança explora o mundo e estabelece um importante elo com o seu imaginário. Ademais, auxilia o desenvolvimento sensorial, motor e intelectual (TONDATTI; CORREA, 2012), a autoconsciência, a criatividade, o estabelecimento de valores morais, contribuindo para a formação de um adulto equilibrado e mais disponível à socialização.

Levando-se em consideração este lugar privilegiado das atividades lúdicas, é possível deduzir que o seu desenvolvimento no ambiente hospitalar oportuniza à criança um meio de instituir um elo entre o mundo exterior, de onde veio, e este novo contexto de vida, muitas vezes assustador.

Tais atividades podem ser desenvolvidas privilegiadamente pelo enfermeiro, como um elemento da assistência à criança no âmbito hospitalar, já que este profissional de saúde está em constante interação com o paciente e, como ressaltam Leite; Shimo (p.344, 2007) “o cuidar em enfermagem não é um ato que envolve apenas o domínio de técnicas e tecnologias, mas sim a complexidade de lidar com outro ser humano”.

Além de uma atividade recreacional, realizada por meio do brinquedo terapêutico, propiciando o desenvolvimento físico, mental, emocional e a socialização, a ludoterapia tem sido preconizada como um meio de proporcionar à criança hospitalizada a oportunidade de construir novas situações, na medida em que modifica a sua realidade atual (LEITE; SHIMO, 2007). Neste processo, a criança se aproxima da compreensão do que se passa no hospital e pode desmistificar possíveis tabus. No contexto ludoterpico, o uso do brinquedo possibilita que também o profissional compreenda as necessidades e sentimentos da criança e, desse modo, a prepare para as experiências que estão por vir, por meio do desenvolvimento de sua autoconfiança. A ludoterapia, portanto, pode ser tomada como uma forma de tornar a experiência de internação menos traumática para a criança, deixando-a psicologicamente mais confortável.

Mesmo reconhecendo algumas limitações na compreensão da criança, é importante enfatizar a dimensão da enfermidade para que ela possa elaborar as questões relacionadas ao seu estado (OLIVEIRA, 1993). Desta forma, a criança expressa sua individualidade e sua complexa constituição como indivíduo, podendo ressignificar os conteúdos que lhe causam angústia. Caso contrário, ela seria reduzida à condição de objeto da enfermidade. É preciso ouvir a criança em sua própria linguagem, em sua singular forma de ver o mundo.

Diante do exposto, o presente trabalho objetiva contribuir para o conhecimento acerca da atuação do enfermeiro nas atividades de ludoterapia, bem como facilitar a compreensão e o reconhecimento da importância desta prática no ambiente hospitalar.

Foi elaborado a partir de uma revisão narrativa com o intuito de discutir o estado da arte do tema da ludoterapia enquanto instrumento e recurso privilegiado para o trabalho de enfermeiros no contexto hospitalar. A revisão está fundamentada na análise crítica de livros, artigos científicos de

periódicos nacionais e internacionais, *sites* e outras fontes relevantes sobre o tema. Foram compilados estudos relevantes nas bases de dados BIREME e SciELO, utilizando-se como palavras-chave: ludoterapia, criança, hospitalização, enfermagem – determinadas após pesquisa nos Descritores em Ciências da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde (DeCS/BVS). Após a busca bibliográfica e a seleção das fontes, chegou-se ao total de vinte e três publicações, as quais embasam o presente trabalho.

2 RESULTADOS

2.1 Ludoterapia – Considerações Gerais

A ludoterapia é uma abordagem terapêutica, direcionada ao público infantil, por meio da qual a criança pode projetar seus sentimentos e aflições, configurando-se uma oportunidade de comunicar-se de forma verbal e/ou não verbal (AXLINE, 1984) para assim elaborar suas dificuldades.

No universo ludoterapêutico, a criança pode se desenvolver com melhores condições, uma vez que é possível expandir seus sentimentos acumulados de tensão, frustração, insegurança, agressividade, medo, espanto e confusão. Ao superar “esses sentimentos através do brincar, ela se conscientiza deles, esclarece-os, enfrenta-os, aprende a controlá-los ou os esquece” (AXLINE, 1984, p. 28). Este passo é o precursor de caminhos que formam indivíduos mais corajosos, maduros e independentes. O lúdico é um instrumento que promove a inserção da criança na cultura e que, normalmente, tem a função de mediador das vivências infantis internas com o mundo externo, sendo, portanto, um facilitador da interação com o meio (POLETTI, 2005).

Durante o desenvolvimento do mundo da criança, o brincar tem um papel fundamental, pois é a partir das atividades lúdicas que ela consegue criar estratégias simbólicas para interagir, se aproximar e compreender melhor o universo adulto (RAVELLI; MOTTA, 2005). A ludoterapia é uma forma de ampliar este mundo em constante crescimento, na medida em que sua utilização proporciona à criança apoio, promoção da saúde e cuidados, além de auxiliar o diagnóstico e a construção de medidas terapêuticas eficazes, quando for o caso.

A infância é um interessante momento para intervenções terapêuticas, uma vez que a criança, em intenso e amplo desenvolvimento, tem sua estrutura psíquica ainda pouco cristalizada e, portanto, mais flexível e adaptável a mudanças. A possibilidade de brincar livremente facilita a expressão, a projeção de emoções e sentimentos, tornando o lúdico imprescindível à saúde física, emocional e intelectual. Além dos benefícios para as crianças de então, as atividades ludoterapêuticas contribuem para a maturidade e o equilíbrio do adulto que se tornarão. Como o crescimento é um processo de mudança complexo e dinâmico, todas as experiências vividas na infância desembocam e ajudam a compor as atitudes, pensamentos, sentimentos e comportamentos dos indivíduos na fase adulta.

2.1.2 O Brinquedo Terapêutico

O brinquedo terapêutico é uma técnica que segue os princípios da ludoterapia e permite à criança minimizar a ansiedade ocasionada por experiências atípicas para sua idade ou por circunstâncias adversas (LEITE; SHIMO; 2007). Este brinquedo pode ser usado com crianças hospitalizadas, especialmente quando estas tiverem dificuldade de compreender ou assimilar a nova situação a que estão submetidas (CINTRA; SILVA; RIBEIRO, 2006).

O brinquedo terapêutico se diferencia do brinquedo recreativo puro e simples porque funciona como um instrumento de distração e, ao mesmo tempo, como um meio de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades, na medida em que a criança pode viver simbolicamente suas fantasias e explorar seus mundos externo e interno (AZEVEDO, et al, 2007; TONDATTI; CORREA, 2012). Além de cumprir importantes funções em situações atípicas, também é útil em situações habituais à criança, pois promove seu crescimento e desenvolvimento, além de uma interação melhor com o mundo adulto (SIGAUD; VERÍSSIMO, 1996). Os brinquedos são fundamentais ao processo ludoterapêutico, e por serem o meio natural de expressão da criança, são concedidos, geralmente, como propriedade sua. Diante disso, ela consegue organizar e orientar seu mundo por meio de brincadeiras livres, elaborando suas ideias e expressando seus mais recônditos sentimentos e pensamentos (AXLINE, 1984).

2.1.3 Humanizando a Hospitalização Infantil

O avanço tecnológico e científico é responsável por uma série de benefícios à humanidade, principalmente no setor da saúde. Em contrapartida, favorece relações muitas vezes restritas ao conhecimento acadêmico-científico, favorecendo a desumanização da prática.

O processo de adoecimento gera diversas alterações no indivíduo, podendo muitas vezes desequilibrar seu organismo e sua vida em vários aspectos. Nos casos de internação, o estresse é exacerbado visto que a pessoa está afastada de seu cotidiano, especialmente se a internação for longa e duradoura. Esta realidade torna a humanização imprescindível no setor de saúde, principalmente quando se trata de uma criança que, quando chega ao hospital, precisa sentir-se bem neste ambiente (LINDQUIST, 1993). Neste contexto de humanização, os recursos lúdicos auxiliam a criança que se depara com as transformações que ocorrem a partir de sua admissão na instituição, aumentando, assim, sua resiliência (CARVALHO; BEGNIS, 2006).

A criança hospitalizada geralmente está inquieta, amedrontada e ansiosa, sofrendo com a enfermidade, com a separação da família e com a chegada num ambiente estranho. Além disso, a hospitalização, as intervenções médicas e a própria doença podem ser percebidas pela criança como um castigo ou punição, algo estreitamente relacionado a uma culpa subjacente que pode advir de uma desobediência anterior, por exemplo (OLIVEIRA, 1993). Por estas razões, na infância, a hospitalização pode configurar-se como uma experiência potencialmente traumática, tornando-se fundamental o melhor atendimento possível pela equipe de saúde, no intuito de estabelecer um elo de confiança e cooperação entre a equipe e o paciente e de desmistificar possíveis equívocos no tratamento.

A humanização se constitui pelo diálogo e pela prática de boas relações interpessoais, permitindo que o paciente se expresse mais livremente, o que favorece o conhecimento e a decorrente resolução das suas angústias, temores e expectativas. É importante ressaltar que a humanização é prerrogativa nos cuidados aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), embasada pela Política Nacional de Humanização ou “Humaniza SUS”, que foi implantada pelo Ministério da Saúde em 2004. Seus princípios norteadores, marcos teórico-políticos e estratégias gerais dizem respeito a todos

os pacientes de saúde, tanto da rede pública como da rede privada, a saber: valorização dos diferentes sujeitos implicados no processo de produção de saúde; fomento da autonomia e protagonismo desses sujeitos; aumento do grau de co-responsabilidade na produção de saúde; identificação das necessidades, desejos e interesses das pessoas envolvidas no campo; ampliação da atenção integral à saúde (BRASIL, 2004).

2.1.4 A Importância do brincar e sua inserção no hospital

No capítulo II do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – lei 8.069 de 13 de julho de 1990, artigo 16, o direito à liberdade compreende brincar, praticar esportes e divertir-se (BRASIL, 2008). O brincar acompanha o ser humano desde a antiguidade, quando era prática comum entre adultos e crianças, caracterizando-se como um fenômeno social impregnado de simbolismo religioso. Atualmente, constata-se uma tendência mundial de valorização do brincar, uma vez que tal ato proporciona um vasto leque de oportunidades para expressão de sentimentos e emoções.

Lindquist (1993) observa que o brincar equivale para a criança o que trabalhar significa para o adulto. As crianças parecem tratar a brincadeira com a mesma responsabilidade e seriedade com que, geralmente, os adultos se dedicam aos seus trabalhos. É possível perceber que se a criança estiver suficientemente envolvida e encantada com uma brincadeira, ela consegue agir de modo intenso, com seriedade e muita concentração. Este momento é, portanto, uma oportunidade de desenvolver suas habilidades.

A brincadeira expressa, de modo simbólico, as fantasias, desejos e experiências vividas pela criança, ajudando-a a enfrentar condições adversas e estressantes. É através do brinquedo que a criança engendra sua relação com os objetos e outros seres animais e humanos de sua vida atual e futura, além de embasar sua relação com os adultos e com as imagens do discurso social em que está inserida (POLETTTO, 2005). Fenômeno natural e complexo, a atividade lúdica pode promover a compreensão da criança sobre seus comportamentos e sentimentos, até quando lhe é possível apenas a expressão não verbal de seu universo.

A brincadeira representa para a criança a reprodução de sua vida cotidiana, a construção da sua realidade e a possibilidade de domínio das situações que

vivencia (FIGUEIREDO; VIANA, 2006). A recombinação de elementos retirados da realidade com aspectos advindos do imaginário infantil torna a brincadeira uma expressão primordial da subjetividade da criança, além de proporcionar uma expansão de seu desenvolvimento cognitivo.

A criança hospitalizada necessita de cuidados que se estendam além do tratamento de sua doença física, tornando-se imprescindível considerar a importância do seu estado emocional no modo como vai conseguir vivenciar as experiências deste seu novo contexto de vida. O estado ora delicado, resultante desta mudança temporária em sua vida, torna a ludoterapia um importante instrumento terapêutico para promover um enfrentamento mais tranquilo e eficiente. Como afirma Oliveira (1993, p.330), “Brincar é uma forma de viver. De ultrapassar os sentimentos mais dolorosos. De vencer a solidão e a saudade”.

Comportamentos agressivos, medo e perda de controle, são as formas mais frequentes de reação ao estresse provocado pelo ambiente hospitalar, procedente principalmente da ansiedade da separação da família e das pessoas com as quais convivia e da mudança de rotina. As atividades ludoterapêuticas vêm sendo utilizadas com sucesso no tratamento e na recuperação de crianças que reagem de forma negativa à hospitalização. Os brinquedos utilizados devem ser sempre adequados à fase de desenvolvimento de cada criança, e devem estabelecer um propósito além de uma atividade recreativa. Prioritariamente, visam minimizar o estresse, o sofrimento e a dor durante a hospitalização. Aconselha-se deixar a criança livre para escolher os brinquedos e a atividade deve ser realizada num ambiente tranquilo (SIGAUD; VERÍSSIMO, 1996). Esta iniciativa aumenta a segurança e autonomia da criança, que precisa sentir-se num ambiente seguro para criar e inventar com o máximo de liberdade possível (LINDQUIST, 1993).

A intervenção ludoterapêutica tem sido preconizada para que a criança hospitalizada compreenda melhor o que se passa no hospital, aceitando de forma mais tranquila a sua internação. “A ludoterapia deve oferecer às crianças, qualquer que seja sua idade, atividades estimulantes, divertidas e enriquecedoras, que tragam, ao mesmo tempo, calma e segurança” (LINDQUIST, 1993, p.24). Uma criança mais segura tem uma permanência menos angustiante no hospital, o que favorece seu desenvolvimento integral e contribui para a cura de sua doença.

Percebe-se então a importância do lúdico no hospital, visto que este ambiente torna-se menos estressante com a implantação deste recurso que, em consequência de seus efeitos, está cada vez mais presente nos hospitais.

Um estudo realizado com profissionais da área de saúde de três instituições, apontou que a promoção do brincar, sob a ótica dos entrevistados, possibilita a integralidade da atenção, a adesão ao tratamento, o estabelecimento de canais que facilitam a comunicação entre as crianças e os profissionais de saúde (MITRE; GOMES, 2004). Os mesmos autores entrevistaram posteriormente (2007) profissionais que realizavam algum tipo de atividade lúdica em hospitais de diferentes regiões do país. Os resultados ressaltaram o lúdico como facilitador para a execução de determinadas ações, além do reconhecimento por parte dos gestores deste tipo de intervenção.

Em 2006, foi realizado um estudo com crianças internadas em diferentes unidades pediátricas, na faixa etária de 2 a 10 anos. Destas crianças, metade estava em uma instituição hospitalar que possuía um ambiente físico estruturado para o desenvolvimento de atividades lúdicas; e as demais, em uma instituição que não possuía tal estrutura. Os resultados mostraram que na primeira instituição as crianças agiam de forma independente na escolha do material lúdico e na livre inserção em um grupo; enquanto que na segunda instituição as atividades não variavam muito e o local era pouco frequentado (CARVALHO; BEGNIS, 2006).

Numa pesquisa realizada em Vitória, ES, com crianças de 6 a 12 anos, através de entrevistas e um instrumento especialmente elaborado, contendo 20 desenhos de brinquedos e brincadeiras, classificados como jogos, constatou-se que 78,6% das crianças gostariam de brincar no hospital (MOTTA; ENUMO, 2004). O instrumento mostrou que o brincar pode ser um recurso adequado para a adaptação da criança hospitalizada, permitindo ainda que essa intervenção seja personalizada.

2.1.5 A participação da família

A família ocupa posição privilegiada na sociedade, sendo vista como responsável pelo apoio físico, emocional e social de seus membros (POLETTTO, 2005). Com o adoecimento e a hospitalização de uma criança, a família vivencia experiências de sofrimento, angústia, medo,

ansiedade e desorganização de seu cotidiano, necessitando também de apoio e intervenções por parte da equipe de saúde. A maior parte deles reconhece a importância de estar o mais próximo possível da criança nesta difícil experiência, entretanto, muitos não sabem como agir com seus filhos no ambiente hospitalar (LIND, 1993). As reações das crianças à hospitalização estão estritamente vinculadas aos comportamentos e sentimentos dos seus familiares e das pessoas mais próximas. De um modo geral, os pais ou responsáveis tendem a superproteger o filho doente, subestimando os recursos de enfrentamento e superação próprios da criança, o que pode prejudicar seu desenvolvimento e sua autonomia (LINDQUIST, 1993). Por isso, o cuidado dirigido aos pais ou responsáveis pelo paciente é de suma importância.

A reação dos pais frente à hospitalização é tão importante quanto o enfrentamento da criança. “A hospitalização de uma criança gravemente doente pode precipitar uma crise na família. Os pais podem ficar ansiosos e confusos e podem desenvolver sintomas psicossomáticos, de culpa e negação” (BOWDEN; GREENBERG, 2005).

Frequentemente, pais, familiares ou responsáveis pela criança hospitalizada ficam incomodados, mas ao mesmo tempo paralisados diante desta situação. Estas inquietações e angústias podem ser equacionadas pela introdução da ludoterapia nos hospitais. As crianças enfermas não ficariam isoladas como antes e se encontrariam nos espaços ludoterapêuticos para a prática de atividades adequadas à sua idade e condição. Deste modo, pais e filhos aprendem a enfrentar a situação com menos dificuldade por meio do contato com outras pessoas, o que evidencia o caráter eminentemente social do brincar.

A participação ativa da família durante o período da hospitalização torna-se imprescindível, na medida em que se configura como o elo entre a equipe de saúde e a criança. A equipe, por sua vez, deve manter os familiares sempre informados a respeito da hospitalização, promovendo, assim, a redução da ansiedade na família e, por conseguinte, na criança, e fortalecendo sua auto estima e sua segurança. Aproximando-se de sua família, é possível avaliar o mundo em que a criança está inserida, e interagir melhor com ela. A família desempenha um papel fundamental durante essa experiência crítica que a criança está vivenciando, sendo grande aliada para o enfrentamento e retomada de uma vida saudável após o período de internação.

2.1.6 Cuidado de Enfermagem

Como discutido anteriormente, no contexto da hospitalização a criança sofre uma ruptura das suas atividades cotidianas e tem os seus vínculos pessoais transformados, podendo, com isso, perder suas referências. Os profissionais que trabalham com a hospitalização infantil, portanto, necessitam demonstrar muito carinho e paciência, visto que são várias as alterações que o ambiente hospitalar provoca na criança e em sua família, além de se dispor a proporcionar bem-estar a todos os envolvidos no processo de hospitalização.

A criança exige maior atenção e cuidado porque, em sua faixa etária, qualquer desestruturação pode interferir de forma profunda no seu desenvolvimento. Isto evidencia a importância da inserção de atividades lúdicas no processo do cuidar em enfermagem pediátrica, a fim de diminuir os efeitos estressores da hospitalização e tornar a assistência mais humanizada. Para promoção da saúde, a equipe de profissionais não deve restringir sua atuação à ordem curativa e à redução do tempo de permanência no hospital, mas ajudar a compor uma travessia menos prejudicial à criança, que está inserida na dura situação de hospitalização e doença, auxiliando na criação de um ambiente familiar e favorável para seu bem-estar. Tais atitudes podem converter sofrimento e dor em experiências ricas em conteúdos que contribuam para a saúde e restabelecimento da criança (BRITO; RESCK; MOREIRA; MARQUES, 2009).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da resolução n.295/2004, estabelece em seu artigo 1º : “Compete à Equipe de Enfermagem que atua na área pediátrica a utilização da técnica do brinquedo/brinquedo terapêutico, na assistência à criança e família hospitalizadas”. Os profissionais da área de saúde, principalmente os enfermeiros por terem mais contato com o paciente, são responsáveis pelo cuidado holístico da criança hospitalizada e de sua família, além de esclarecer as dúvidas e diminuir as aflições, fortalecendo o vínculo através do diálogo. As ações devem ser desenvolvidas de maneira ampla, humanizada e compartilhada entre pacientes, familiares e profissionais.

No contexto da ludoterapia no hospital, compete ao profissional da enfermagem observar com cuidado o comportamento da criança enquanto usa o brinquedo terapêutico, aproximando-se e tentando dialogar com o universo trazido pela criança, assegurando-lhe uma escuta atenta e interessada, a fim de estimular sua expressão (SIGAUD; VERÍSSIMO, 1996). Mantendo esta postura,

o enfermeiro consegue fazer do brinquedo um instrumento de comunicação e compreensão, diferente do que proporcionaria a simples e desatenta manipulação do brinquedo. Dessa forma, a presença do lúdico se caracteriza como uma atividade mediadora entre profissional e paciente, que facilita e conduz aos objetivos estabelecidos, quais sejam, a busca pelo bem-estar global de todos os envolvidos no tratamento, a humanização da hospitalização, e por fim, a recuperação (BRITO; RESCK; MOREIRA; MARQUES, 2009).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos mostram a importância do lúdico como um fator essencial para o desenvolvimento e recuperação das crianças internadas. A prática lúdica vem se tornando frequente em mais unidades hospitalares, possibilitando uma maior aceitação ao tratamento, facilitando a comunicação entre os profissionais e a criança, integralizando a atenção, permitindo uma maior socialização, o que reflete positivamente para o quadro clínico da criança.

O instrumento lúdico serve como facilitador da assistência e interação com os profissionais e o ambiente hospitalar, permitindo assim, a aceitação dos procedimentos de forma menos estressante. Destaca-se também a importância do cuidar de uma forma holística, não privilegiando apenas os procedimentos técnicos, e sim enfatizando uma assistência humanizada, na tentativa de minimizar as consequências da hospitalização. A ludoterapia também proporciona a criança uma aproximação com o espaço familiar, visto que se trata de um ambiente estruturado que auxilia no enfrentamento desta vivência. Neste sentido, o uso do lúdico configura-se como recurso humanizado à disposição da equipe de saúde, para ajudar a criança a lidar com sentimentos e conflitos, mantendo-a tranquila durante a realização de todos os procedimentos necessários ao tratamento.

4 REFERÊNCIAS

AXLINE, V. M. **Ludoterapia: a dinâmica interior da criança**. Belo Horizonte: Interlivros, 1984.

AZEVEDO, D. M. et al O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. **Cienc. Cuid. Saúde**, v.6, n.3, p. 335-341, jul.-set, 2007.

BALDINI, S. M.; KREBS, V. L. J. A criança hospitalizada. **Pediatria**. São Paulo, v. 21, n.3, p.182-190, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização**. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília/DF: Ministério da Saúde, 1990.

Brito T.R.P., Resck Z.M.R., Moreira D.S., Marques S.M. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v.13, n.4, p. 802-808, out-dez., 2009

BOWDEN, V. R.; GREENBERG, C. S. **Procedimentos de enfermagem pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CARVALHO, A. M.; BEGNIS, J. G. Brincar em unidades de atendimento pediátrico: aplicações e perspectivas. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 11, n. 1, abr. 2006.

CINTRA, S. M. P.; SILVA, C. V.; RIBEIRO, C. A. O ensino do brinquedo/brinquedo terapêutico nos cursos de graduação em enfermagem no Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 59, n. 4, ago. 2006.

COFEN. **Resolução n.295/2004**. Dispõe sobre a utilização de técnicas do brinquedo/brinquedo terapêutico pelo enfermeiro na assistência prestada à criança hospitalizada. COREN-SP. 2004

FIGUEIREDO, N. M. A.; VIANA, D. L. (coord.). **Tratado prático de enfermagem**. São Paulo: Yends, 2006.

FURTADO, M. C. C; LIMA, R. A. G. Brincar no hospital: subsídios para o cuidado de enfermagem. **Rev. Esc. Enf. USP**, v.33, n.4, p. 364-369, dez. 1999.

LEITE, T.M.C.; SHIMO, A.K.K. O brinquedo no hospital: uma análise da produção acadêmica dos enfermeiros brasileiros. **Esc. Anna Nery R Enferm**, jun., v.11, n. 2, p. 343-50, 2007

LIND, J. Apresentação. In LINDQUIST, Ivonny. **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. São Paulo: Página Aberta, p. 9-11, 1993.

LINDQUIST, I. **A criança no hospital: terapia pelo brinquedo**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

MITRE, R. M. A., GOMES, R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Cienc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004.

MITRE, R. M. A., GOMES, R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. **Cienc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 5, out. 2007.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 9, n. 1, abr. 2004.

OLIVEIRA, H. A enfermidade sob o olhar da criança hospitalizada. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 326-332, jul./set, 1993.

POLETTTO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, abr. 2005.

RAVELLI, A. P. X.; MOTTA, M. G. C. O lúdico e o desenvolvimento infantil: um enfoque na música e no cuidado de enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 58, n. 5, out. 2005.

TONDATTI, PC; CORREA, I. Use of music and play in pediatric nursing care in the hospital contexto. **Invest. Educ. Enferm.** v. 30, n. 3, p 362-70, 2012

SIGAUD, C. H. S.; VERÍSSIMO, M. R. (org.). **Enfermagem Pediátrica: O cuidado de enfermagem à criança e ao adolescente**. São Paulo: EPU, 1996.